

# PERCURSOS, IMAGENS E SENTIDOS: ETNOGRAFANDO OS MODELOS INSURGENTES DE HABITAR A CIDADE EM MANAUS<sup>1</sup>

Camila Garcia Iribarrem (UFAM)  
Márcia Regina Calderipe Farias Rufino (UFAM)

Essa comunicação reflete sobre a experiência de etnografar sentidos e aspectos visuais nos recortes de imagens registrados em percursos de “*flânerie*” sobre as margens entrecortadas de igarapés na cidade de Manaus, que sustentam, entre as palafitas fincadas sobre seus leitos e encostas, a memória do processo histórico social de constituição da cidade. A “Veneza Amazônica”, como era conhecida a cidade flutuante que surgiu na área central de Manaus, foi destituída e precarizada na dinâmica de expansão urbana, fazendo com que seus moradores ocupassem bairros próximos recém constituídos. Essa lógica de urbanização que prevê uma cidade voltada para os interesses elitistas foi reforçada, nas últimas décadas, pelo modelo de colonização industrial imposto pela Zona Franca de Manaus e seu Pólo Industrial. Porém, insubmissas aos contornos urbanos das edificações industriais, apontam insurgentes as “favelas flutuantes,” que atravessam o distrito fabril da capital, compondo um cenário plural que desafia os modos de pensar a cidade. As habitações sobre as águas são territorialmente limitadas pelas indústrias situadas no Pólo Industrial, por extensas avenidas e bairros construídos por ocupações. Resistentes, insurgentes, as habitações refletem sons e cores em contraste com um quadro imagético que configura a percepção da urbanização contemporânea de Manaus, como uma cidade diversa que tem sido apropriada por populações que tem seu direito à cidade questionado. Nessa cidade identificamos a relação das/os moradoras/es com os igarapés enquanto cursos d’água que inicialmente serviam para a pesca, lavagem de roupas, banho e, atualmente, transformaram-se em território de moradia e sociabilidade, o que não exclui outros usos – depósito de dejetos, lazer para as crianças, meio de circulação na época das chuvas. São áreas consideradas de risco e objeto de um programa de saneamento promovido com o intuito de realocar seus habitantes em outras áreas da cidade como solução para a falta de planejamento urbano. Narrar essa cidade significa transitar entre os vários territórios e sentidos no ir e vir da população pelos igarapés de Manaus como áreas sempre possíveis de habitar.

**Palavras Chaves: Percursos; Favelas Flutuantes; Manaus**

## INTRODUÇÃO

Esse texto é parte de um processo reflexivo sobre os modos de habitar e se apropriar dos espaços urbanos que, na cidade de Manaus, expressam a intrínseca relação de sua população local com o movimento das águas, das bacias hidrográficas que entrecortam a cidade. Essas águas são como ruelas e avenidas que fluem através dos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

igarapés<sup>2</sup> e tributários de um dos rios com maior extensão e volume de água do planeta, que em Manaus, “a hinterlândia Amazônica” (Ab’Saber, 1953), passa a ser denominado Rio Amazonas. A cidade, que tem como marco exploratório de sua colonização, o “forte encantado<sup>3</sup>”, emergiu à margem esquerda do Rio Negro, a partir de sua localização geograficamente privilegiada para observação dos afluentes e cursos d’água que desembocam nessa região. (IRIBARREM, 2017; 2020)

Os trajetos que vivenciamos juntas em *flânerie*<sup>4</sup> dizem respeito a diferentes momentos de trabalho e pesquisas relacionados a áreas do entorno de Manaus e de suas águas interiores. Entre esses espaços está o encontro das águas, resultante da união entre os Rios Negro e Rio Solimões na região da Amazônia Central, considerado um ponto turístico da cidade onde se pode observar quando os dois rios se encontram e juntam suas águas, formando o Rio Amazonas.

O tombamento desse patrimônio ambiental tem sido cena de conflitos entre a lógica da preservação e da instalação de um porto comercial que acompanhamos desde 2010, como discutiremos adiante. Esse cenário pode ser pensado como um processo de ambientalização dos conflitos (LOPES, 2006)<sup>5</sup> numa cidade onde os recursos hídricos são abundantes e, ao mesmo tempo, inacessíveis para sua população, seja enquanto recurso para a vida ou para moradia. Para pensar sobre o urbano em Manaus, uma boa chave de leitura é identificar e analisar como tem sido a relação da população com esses recursos. Conforme afirmam Rocha & Eckert (2013), é preciso olhar os fenômenos sociais para além de suas formas institucionais e dos discursos pautados em versões oficiais, produzidas pelas estruturas de poder.

Nos anos seguintes, vivenciamos outras experiências em pesquisas relativas as áreas de moradias às margens dos igarapés de Manaus, especialmente devido ao deslocamento de famílias para implantação dos projetos habitacionais, como o Prosamim,<sup>6</sup> e Diagnósticos Arqueológicos e Socioambientais<sup>7</sup> apresentados ao Instituto

---

<sup>2</sup> Palavra indígena para um rio pequeno (BATISTA, 2012).

<sup>3</sup> No artigo “O Forte Encantado: Narrativas divergentes e estratégias geopolíticas de colonização na Amazônia Central” (IRIBARREM, 2020), é apresentado o debate sobre o marco de colonização de Manaus e outra possível localização do Forte São José da Barra do Rio Negro.

<sup>4</sup> *Flânerie* é o ato de observar a cidade, prática do flâneur que tem uma relação intimista com a cidade. Ver Benjamin (1989) e Wilson (2013) que aborda a flânerie como uma prática masculina.

<sup>5</sup> O autor denomina ambientalização a forma como atualmente a problemática ambiental torna-se uma questão pública.

<sup>6</sup> Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus. O artigo de Calderipe (2017) aborda o debate antropológico e socioambiental sobre o tema.

<sup>7</sup> Projeto Diagnóstico Arqueológico Interventivo da Comunidade do Igarapé da Sharp (2014) e Projeto Diagnóstico Arqueológico Interventivo da Comunidade do Igarapé São Sebastião (2015).

do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN devido a implantação desse programa em diversas comunidades com moradias alagáveis ou em áreas de fronteiras aquáticas na região de Manaus<sup>8</sup>.

No trajeto por esses diferentes contextos, experimentamos a perspectiva etnográfica de observar a cidade, navegando sobre as margens de Manaus, registrando narrativas e imagens que foram utilizadas na composição dos trabalhos realizados. Esses percursos entre as margens que povoam suas encostas, essa *flanerie* aquática do grande rio que banha a cidade, aos veios tributários que trafegam entre suas ruas, vielas e jiraus<sup>9</sup>, nos disponibilizaram não somente as narrativas imagéticas que são também registros etnográficos sobre formas de habitar na cidade, mas a possibilidade de identificar que o protagonismo das águas sobre os modos de vivenciar a cidade fazem parte do processo histórico social de constituição da capital, em que subjazem práticas e tradições das populações tradicionais da Amazônia.

Em conjunto com a *flanerie*, as imagens são métodos de registro, compondo “uma conjunção de olhares, em que a memória pode recompor com maior amplitude a realidade observada a partir da combinação das várias formas de registros. Por essas razões, a fotografia, o filme e o vídeo conquistaram novos domínios, transformando a imagem em fonte reveladora do conhecimento antropológico” (CAMPOS, 1996, p.281).

A linguagem imagética (CAMPOS, 1996) que buscamos traduzir e compartilhar a partir da realização do campo, constitui-se enquanto reflexão epistemológica, mostrando que os materiais visuais não são apenas ilustrativos, mas uma das principais formas de captação de dados (RODOLPHO et al, 1995). Observamos o grande potencial dessa linguagem no sentido de “partilhar a antropologia” com os próprios interlocutores, como assinala Rouch (1993), enquanto a produção escrita é menos acessível e compreensível. Nesse sentido, a antropologia audiovisual traz novos campos de exploração, o que se configura numa nova maneira de conceber a própria antropologia (PIAULT, 1999). Podemos pensar a relação com os nossos interlocutores como dialética e construída a partir de uma reciprocidade cognitiva (ROCHA & ECKERT, 2013).

---

Camila Iribarrem coordenou as equipes de campo nos levantamentos de história oral, registros visuais, aspectos socioculturais e socioambientais para composição dos projetos e relatórios ao IPHAN (AM) pela consultoria Uatumã Arqueologia Sociedade e Meio Ambiente.

<sup>8</sup> Márcia Calderipe participou da rede navegando nas imagens - patrimônio ambiental e antropologia visual no âmbito do Instituto Nacional de Pesquisas Brasil Plural com o projeto Uma etnografia visual das formas de uso e práticas sociais de moradores do Igarapé de São Raimundo - Manaus/AM.

<sup>9</sup> Estrado de madeira sobre varas para colocação de utensílios domésticos sobre a pia da cozinha.

Somado ao aspecto cognitivo que a observação e a interação com os sujeitos na cidade nos proporcionam, os “encontros imagéticos” permitem que a/o pesquisadora/or se comunique com seus interlocutores a partir das fotografias enquanto experiências etnográficas que compõem um imaginário sobre o que está sendo visto, vivido e, posteriormente, narrado (OLIVEIRA, 2013).

As práticas tradicionais no uso das águas serão trazidas pelas imagens da cidade flutuante que, presentes na memória urbanística e ambiental, foram acessadas a partir dos registros históricos e iconográficos que trazem a dimensão das lutas por sentido que se fazem presentes no universo urbano. Ao mesmo tempo, apresentaremos exemplos atuais de como as casas flutuantes continuam presentes nas águas de Manaus, somadas às palafitas.

Ao conjunto dessas formas de habitar denominamos “favelas flutuantes”, uma categoria que engloba também as casas sobre estacas que, no período da enchente<sup>10</sup>, ficam rodeadas pelas águas. Trazemos o conceito de favela a partir de Zaluar & Alvito (2004) que apontam que falar de favela é trazer a história do Brasil na virada do século XIX para o XX, especialmente no Rio de Janeiro. As características elencadas pelos autores falam de uma “cidade desde o início marcada pelo paradoxo, a derrubada dos cortiços resultou no crescimento da população pobre nos morros, charcos e demais áreas vazias em torno da capital”, sendo reconhecidas como habitações irregularmente construídas, sem arruamento, sem plano urbano, sem esgotos, sem água, sem luz, “lugar do lodo e da flor...” (ZALUAR & ALVITO, 2004, p. 7-8). Situação semelhante ocorreu em Manaus, onde houve a retirada da população das áreas centrais, levando-os a ocuparem as beiras dos rios e igarapés.

As áreas úmidas são espaços de vivência e convivência, de afetos e solidariedades, por elas transitam vidas - animais, plantas, pessoas, objetos, substâncias que dizem muito sobre a própria história da cidade (INGOLD, 2015). Nossa intenção é tomar as imagens como referenciais, como uma leitura de Manaus pelos sentidos e imaginação, posto que se as imagens trazem um quadro delimitado, nossa experimentação na cidade possibilita trazer as interfaces dessa relação com o outro, sejam pessoas ou paisagens, vidas, enfim.

---

<sup>10</sup> Segundo Silva e Carvalho (2018) a região amazônica apresenta um regime com dois períodos anuais - a cheia, de outubro/novembro até junho e a vazante, de julho a outubro/novembro. No período das cheias, pode haver problemas devido ao deslizamento de terras, as movimentações da água conhecidas como banzeiro, presença de animais peçonhentos (cobras) e a locomoção dificultada.

## Um pouco da história de Manaus - a Cidade Flutuante

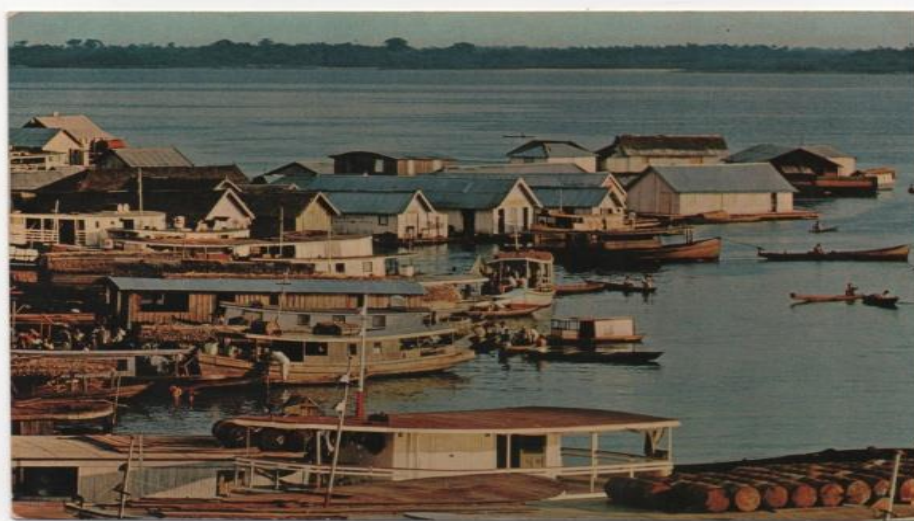
Nos registros históricos e iconográficos sobre moradias em áreas úmidas de Manaus, a cidade flutuante destacou-se como uma forma de habitar sobre as águas na área frontal da cidade, às margens e no leito do Rio Negro, região onde se efetivou o início da ocupação urbana do município.

Numa perspectiva comparativa, as expressões cênicas dessa paisagem têm sido associadas a Veneza, na Itália, mas uma Veneza Amazônica ou Favela Veneziana, Petit Venezia, Veneza Selvagem e tropical, entre outras. A denominação como selvagem e tropical guarda os aspectos peculiares de constituição de um cenário que registrou os saberes e modos de construção e habitação tradicionais na dinâmica do processo de urbanização da cidade de Manaus.

As casas flutuantes, nunca alagam, elas literalmente flutuam. São resultado de uma engenharia de especialistas hábeis na arte da navegação e na sustentabilidade da vida sobre as águas. As mesmas que também são fontes de alimento, moradia, comércios, tráfego de pessoas, cargas, animais, sociabilidades. Interceptam os sentidos de olhar, ouvir, cheirar, saborear e compartilham as dimensões imaginárias e práticas do cotidiano local.

A imagem abaixo, um cartão postal, apresenta uma parte das casas flutuantes, ocupação que tomou grandes proporções, evidenciando o caráter aberto e provisório desse espaço de moradia. Neste cenário, barcos, canoas e as próprias casas deslocam-se pelas águas.

Foto 3. Cartão Postal da Cidade Flutuante leiloado em 20 de setembro 2016 (Rio de Janeiro)



Fonte: Disponível em <https://www.conradoleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=2061767>

A tese de Leno José Barata Souza<sup>11</sup>, produzida com base em documentação jornalística e história oral sobre a origem e a conjuntura sociocultural de constituição e extinção da Cidade Flutuante, retrata características e aspectos de sua singularidade, apontando registros que fizeram da Cidade Flutuante um dos pontos turísticos mais visitados e de maior importância em Manaus, noticiada internacionalmente em revistas como *Manchete* e o *Cruzeiro* (1963), a *Revista Serra Nova* (1963) de Portugal e a *Revista Suíça Amazonie* (1962).

Imagem 4. Cidade Flutuante na década de 1960



Fonte: Acervo Fundação Municipal de Cultura e Arte (MANAUSCULT)

Em conversa com Antônio, dono de uma lancha que nos levou em uma de nossas “flanerie” sobre as águas, durante o momento de registrar uma casa flutuante remanescente, próxima ao Porto do Ceasa<sup>12</sup>, no bairro Mauazinho, o questionamos de que madeira eram feitos os suportes de flutuação da casa. A resposta de Antônio, sobre a madeira Acaçu, é a mesma encontrada nos registros sobre a Cidade Flutuante, que confirmam que o Acauzeiro também é utilizado porque, além dos troncos dessa árvore, ou as “toras” de madeira flutuarem, elas têm condições de sustentar as estruturas e casas construídas com tábuas de madeira sobre elas. Essas toras, além de atuarem como bóias, permanecem conservadas dentro da água. Como ressalta Souza (2010, p.146),

---

<sup>11</sup> Cidade Flutuante: Uma Manaus sobre as águas (SOUZA, 2010). Pesquisa detalhada, baseada em história oral e documentação histórica-social sobre a origem e extinção da cidade flutuante.

<sup>12</sup> O Porto da Ceasa foi reformulado e inaugurado em 2010 e reúne um terminal flutuante de passageiros, uma rampa de acesso e uma feira com 70 boxes cobertos, numa área total de 1.050 m<sup>2</sup>, construídos sobre uma balsa. Está situado na BR-319, entre a Vila Buriti e a Vila da Felicidade, em frente ao “Encontro das Águas”. Vide [www.amazonas.am.gov.br](http://www.amazonas.am.gov.br)

Ao que projetam os entrevistados, construir flutuantes, diferente do que supõe um senso comum e do historicamente suscitado, não tinha nada de instintivo e desorganizado. Pelo contrário, essas moradias são expressões de uma cultura norteada por conhecimentos e técnicas precisas que garantiam sua durabilidade e adequação às demandas de vida do lugar.

Grosso modo, as moradias flutuantes respondiam sobre casas de madeira construídas sobre troncos de árvores capazes de sustentá-las sobre as águas do Rio Negro e igarapés da cidade de Manaus: conformando-se dessa forma aos ciclos periódicos de cheias e vazantes impostos pelo Rio Negro, algo que as tradicionais construções palafíticas, fixas e suspensas nas margens, por vezes não conseguem vencer.

A conjuntura político-social que determinou a eliminação da cidade flutuante, entre 1964 e 1967 (SOUZA, 2010), no período da ditadura militar, e criação no mesmo ano (1967) dos programas e instituições de incentivo à produção industrial em Manaus, como a Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA) e o Polo Industrial, proporcionou o deslocamento compulsório de muitas famílias da cidade flutuante para a formação de bairros no interior da cidade.

As casas flutuantes que hoje existem em Manaus são reduzidas se comparadas à cidade flutuante dos anos de 1950 e 1960 e podem ser vistas em alguns pontos das margens dos rios e igarapés de maior amplitude ou em comunidades do entorno da cidade<sup>13</sup>. Essas casas são móveis e podem ser deslocadas com o auxílio de barcos conforme o nível das águas. Quando os rios estão cheios, geralmente são amarradas às margens para não se deslocarem, especialmente quando há fortes chuvas, temporais e ventos.

Esses saberes e modos tradicionais de construção habitacional de populações ribeirinhas, são expressões da cultura imaterial que se apresenta nas dimensões imagéticas e cênicas de quem enxerga Manaus através do ponto de vista de suas habitações às margens fluviais. Margens aqui não se detém somente a um conceito de geográfico sobre as porções sedimentares que ladeiam encostas aquáticas, mas ao status social que essas moradias ocupam enquanto formas consideradas precárias de habitar. Não possuem água encanada, não estão ligadas a rede de esgoto, utilizam energia elétrica de forma clandestina.

---

<sup>13</sup> Por meio de um projeto de extensão com as comunidades do entorno de encontro das águas, Ações de economia solidária na Vila da Felicidade - Manaus/AM, Calderipe (2008) acompanhou as comunidades Santa Maria da Chiborena e Comunidade Nossa Senhora Aparecida do Catalão que são flutuantes e localizam-se em frente ao Porto da Ceasa, meio de acesso à rodovia BR 319 que liga Manaus a Porto Velho-RO.

Imagem 5 - Moradia Flutuante registrada no bairro Mauzinho (Distrito Industrial)



Foto: Camila Iribarrem, 2020.

### A “beira”<sup>14</sup> e o Encontro das Águas

Resultante da união entre os Rios Negro e Solimões na região da Amazônia Central, na cidade de Manaus, o “Encontro das Águas” é um fenômeno natural que pode ser admirado numa extensão de mais de seis quilômetros em que os rios correm lado a lado. Este fenômeno decorre da diferença entre a temperatura e densidade das águas e também por causa da velocidade de suas correntezas: as águas escuras do Rio Negro correm a cerca de 2 km/h, a uma temperatura de 22°C, enquanto as águas barrentas e ocre<sup>15</sup> do Rio Solimões correm de 4 a 6 km/h, a uma temperatura de 28°C. Essa diferença pode ser percebida na área em frente ao Porto da Ceasa, onde os barcos costumam levar turistas para ver e registrar o “Encontro das Águas”.

As discussões sobre o tombamento do “Encontro das Águas” enquanto patrimônio natural e cultural propiciou o nosso encontro em 2010, quando o Ministério Público Federal reuniu em Manaus uma equipe de peritos para delimitação de um perímetro de tombamento que o incluísse. A equipe deveria produzir um relatório técnico compondo

---

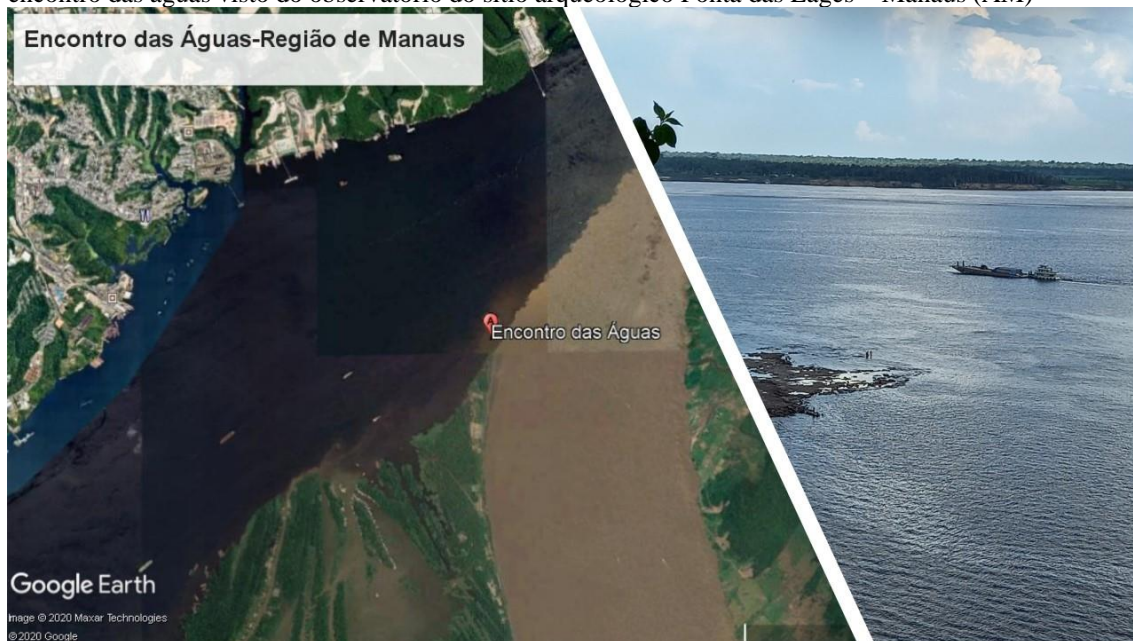
<sup>14</sup> Terminologia local que significa margem fluvial. Especificamente m Manaus, relaciona-se a área da margem central da cidade, próximo ao Cais do Porto, onde existe concentração de comércios e mercados tradicionais de venda de peixes, plantas, medicamentos, farinha, frutas, goma de tapioca, outros insumos artesanais e industrializados. Por exemplo, é comum se ouvir dizer que “o melhor peixe se compra na beira”, referência a essa área central de comércio na cidade. Essa é mesma região onde se supõe a localização do desaparecido Forte da barra do Rio Negro, que demarca o processo de colonização e ocupação da capital (IRIBARREM, 2017).

<sup>15</sup> Pelo Dicionário Porto Editora: Material terroso, pulverulento (óxidos de ferro, de alumínio, antimônio, bismuto; manganésio, molibdênio, tungstênio etc., mais ou menos hidratados), de cor amarela, avermelhada ou acastanhada, usado como pigmento, e também denominado oca e ocre. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ocre>



um embasamento transdisciplinar entre as áreas de antropologia, arqueologia, artes visuais, geologia, biologia, hidrologia, geografia e outros estudos interseccionados à ecologia Amazônica<sup>16</sup>.

Imagem 6. À esquerda imagem satélite do encontro dos rios Negro e Solimões. À direita horizonte do encontro das águas visto do observatório do sítio arqueológico Ponta das Lages – Manaus (AM)



Fonte: Programa de Imagens Satélite Google Earth Pro 2020 e foto de Camila Iribarrem

A delimitação e tombamento do perímetro do “Encontro das Águas” exigido pelo Ministério Público Federal, se relacionou a uma estratégia de embargo à construção de uma Estação Portuária no Distrito Industrial que incorporava essa região, o que ocasionaria um impacto de proporções gigantescas a todas as formas de vida implicadas a essa interrelação indissolúvel do ecossistema local<sup>17</sup>.

A interrupção dos estudos solicitados pelo Ministério Público Federal não impediu que nossas perspectivas se unissem ao olhar etnográfico sobre as margens entrecortadas que configuram a área ampla e diversificada do “Encontro das Águas”. Nas imagens a seguir, observa-se as atividades de indústrias privadas, o Porto da Ceasa e um antigo cemitério que seria atingido pela construção desse porto de grande porte no seu entorno,

<sup>16</sup> Camila Iribarrem fez parte da equipe de Arqueologia e Márcia Calderipe participou como antropóloga.

<sup>17</sup> A homologação desse tombamento não foi realizada até hoje, passados exatos dez anos de reconhecimento desse Patrimônio Cultural pelo IPHAN. O processo tramita pelo Supremo Tribunal Federal, em litígio com o próprio Estado do Amazonas, que ampara a operadora portuária Lajes Logística S/A contra a União e o Iphan, no sentido de desqualificar o tombamento e permitir a concessão das licenças ambientais para construção e operação portuárias.

localizado em frente a Usina Termelétrica Mauá<sup>18</sup>, além do impacto às comunidades tradicionais da região<sup>19</sup>.

Imagens 7 – A “beira” na região do “Encontro das Águas”



Fotos: Márcia Calderipe

Para além das atividades comerciais que existem nessa região, com as indústrias privadas e o Porto da Ceasa, que é público, é um espaço onde as águas encerram histórias fantásticas sobre monstros e entidades que povoam o “Encontro das Águas”. As comunidades de seu entorno realizam atividades de pesca, de lazer e trabalho nessas águas.

---

<sup>18</sup> Em 2011, o Diagnóstico Arqueológico Interventivo da Usina Termelétrica Mauá apresentado ao IPHAN, (AM) já demonstrava o impacto sobre a cultura material e imaterial para construções dessa envergadura na região. O Relatório Final produzido por Corrêa et al (2011), teve as pesquisas de campo coordenadas por Carlos Augusto da Silva (arqueologia) e Camila Garcia Iribarrem (entrevistas e levantamentos históricos-sociais)

<sup>19</sup> Entre os anos de 2008-2009, Márcia Calderipe coordenou o projeto de extensão “Rede de economia solidária do entorno do encontro das águas” com sete comunidades que tem essa área como referência: Vila da Felicidade, Comunidade São José da Terra Nova, Comunidade Santa Maria da Chiborena, Comunidade Nossa Senhora Aparecida do Catalão, Colônia Antônio Aleixo, Mauazinho e Mauazinho II

### **Águas interiores: igarapés como espaços insurgentes de moradia**

A ocupação dos espaços de beira de rio e margens dos igarapés em Manaus tem ocorrido desde o século XIX como resultado de intervenções que excluíram a maioria da população empobrecida das áreas centrais da cidade ou daquelas que resultaram das próprias condições locais, como foi o caso da cidade flutuante.

A orla da cidade vem se metamorfoseando de modo que os espaços se intercalam entre áreas com portos particulares, estaleiros, hotéis, condomínios fechados e áreas de moradia que tem o rio como espaço de uso e o lugar da memória e áreas como a do Parque Rio Negro, recentemente construída na antiga Avenida Beira Mar de São Raimundo, que responde as demandas de uma cidade modernizada e higienizada com amplos espaços de lazer e circulação (CALDERIPE, 2017).

Imagem 8 - Panorama de quem chega à cidade pelo Rio Negro e desembarca no Cais do Porto Central

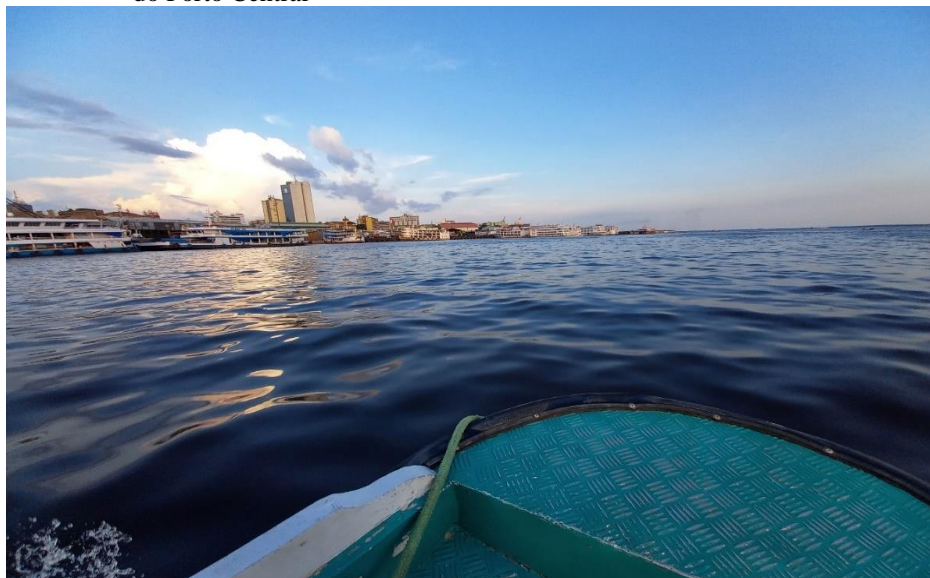


Foto: Camila Garcia Iribarrem

A ocupação de áreas úmidas tem causado um significativo impacto ambiental e social na cidade que foi tomando maiores proporções com o seu crescimento. Do final do século XIX até meados do século XX, os locais preferenciais para ocupação foram os igarapés localizados em áreas próximas ao centro de Manaus. A partir dos anos de 1960, com o Governo Militar e a implantação do modelo Zona Franca de Manaus no mesmo período, atualmente Polo Industrial de Manaus - PIM, espalhou-se para áreas que, neste período, eram consideradas interiores e usadas pelos moradores como locais de lazer (CALDERIPE, 2017).

As margens dos igarapés que compõem as microbacias hidrográficas que se espalham por toda região de Manaus (como a Bacia do Educandos e do Quarenta), tiveram sua população aumentada junto ao ciclo migratório que se sucedeu à criação da Zona Franca de Manaus. Essa ocupação deu-se numa perspectiva de contrastes, de forma estratificada e hierarquizada (OLIVEIRA, 2003), pois ao mesmo tempo em que sua malha urbana foi construída na interação com as águas, rios e igarapés, criando ruas e becos com um contorno sinuoso, essas características têm sido negadas. Guglielmini (2005) ressalta o fato de que as cidades na Amazônia se estruturaram a partir de uma estreita relação com o rio devido ao seu padrão espacial em forma de “leque fluvial”. Porém, a produção do espaço urbano, por se basear no mercado, desconsidera o rio enquanto dimensão do lugar, atribuindo um novo caráter para a cidade quando a afasta das características locais.

Imagem 9. Habitações à margem da orla do Educandos (no perímetro onde se localizou a Cidade Flutuante)



Foto: Camila Iribarrem

A perspectiva desse contexto característico surgido a partir dos modos de vida “flutuantes” ou vivências sobre as águas, concentrados durante a expansão urbana da capital, é que nos impulsionou a propor uma noção de favelas flutuantes como categoria de resistência e insurgência nos modos de viver e habitar de Manaus sob um panorama de sujeição ao modelo econômico imposto pela Zona Franca e o Polo Industrial de Manaus, que é a estrutura de sua permanência na contemporaneidade enquanto política econômica regional.

Imagem 9 - Orla Zona Sul de Manaus (Fronteira entre os Bairros Educandos e São Raimundo)



Foto: Camila Iribarrem

Entre enormes navios cargueiros, portos de carga e descargas e áreas de proteção militar, as moradias aparecem insurgentes, resistentes. Como modos de habitar que resistiram ao tempo, marcando uma identidade visual de quem enxerga a cidade do seu ponto originário ou mais privilegiado do horizonte de quem navega por suas águas; o Rio Negro.

As margens contemporâneas dos igarapés que comportam habitações em Manaus, são também regiões à margem; marginais ou marginalizadas. Desprovidas de tratamento sanitário ou esgotamento adequado para suas habitações, as comunidades insurgentes as margens de igarapés são vistas pela política social vigente como ambientes de insalubridade e pobreza que devem ser eliminados, com aterramentos das águas e deslocamento de suas famílias, como propõe o programa do Governo do Amazonas para sanear a ocupação desordenada dos igarapés na cidade, o Prosamim. Um exemplo da intervenção deste programa foi a área da Beira Mar de São Raimundo, que teve as casas localizadas no leito do Rio Negro retiradas para dar lugar ao Parque Rio Negro, como foi descrito por Calderipe (2017) que traz uma narrativa sobre o sofrimento das pessoas que tiveram que foram atingidas pelo Programa, muitas delas com famílias que viviam há gerações na localidade.

Imagens 10 – Orla do Rio negro no bairro de São Raimundo, antes da intervenção do Prosamim



Fotos Márcia Calderipe

Imagens 11 – Parque Rio Negro na antiga Avenida Beira mar, bairro São Raimundo



Fonte: <https://www.amazonasemais.com.br/>

Não existem políticas de requalificação e saneamento para valorização dessas áreas e saberes tradicionais que se expressam resistindo as investidas das gestões públicas para desocupar essas áreas alagáveis. Elas simplesmente resistem. O Senhor Jorge, morador da comunidade do igarapé da Avenida Manaus 2000 (Imagem 12), localizada nas imediações do Distrito Industrial, disse: “a polícia vem aqui, sai quebrando, derrubando tudo, mas não adianta, eles levantam tudo de novo”.

Imagens 12 - Habitações e Comércio no Igarapé da Av. Manaus 2000, no Distrito Industrial



Fotos: Camila Iribarrem

Essa área corresponde geograficamente a Bacia do Igarapé do Quarenta, cujo principal afluente é tributário do rio Negro e sua rede de drenagem entrecorta desde o centro da cidade à zona leste de Manaus, passando pelo distrito industrial. Conforme os registros sobre a implantação do Prosamim, baseado em dados de Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus é entrecortada por 148 igarapés. A rede de distribuição fluvial do Igarapé do Quarenta, abriga a maior parte das comunidades que ocupam suas margens, já que as bacias hidrográficas se interceptam, unindo as regiões de moradias sobre as áreas alagáveis, principalmente na área central e zona centro-sul.

A comunidade Manaus 2000 situa-se numa área em torno de 500 m e teve as palafitas retiradas do leito do Igarapé do Quarenta quando houve a intervenção naquela região, entre os anos de 2011 e 2012, conforme Calderipe (2017). Entretanto, as pessoas que já viviam em outro pedaço do igarapé, deslocaram-se para essa parte da Avenida, trazendo consigo o comércio e serviços, como percebemos na Imagem 12.

São percursos que aguçam os sentidos. Há muita água, muitas cores, muitos cheiros, muitas falas e elementos contrastantes. Contrastes como, por exemplo, o que também registramos na comunidade do Igarapé da Avenida 2000, no distrito industrial: enquanto os resíduos são despejados sem quaisquer distinções ou tratamento sobre as águas, o casal Roberto e Sabrina sustentam sua família separando e vendendo resíduos que seriam ali despejados. Na frente de sua casa ele recicla e vende diversas mercadorias. Denominou seu comércio como “Coleta Seletiva Benção da Amazônia”.

Imagem 12 – Casa e comercio de reciclados na Avenida Manaus 2000 – Igarapé do Quarenta



Foto: Camila Iribarrem

Quando o Igarapé do Quarenta e seus afluentes alcançam as áreas da comunidade do Igarapé da Sharp, mais uma comunidade que cresceu junto ao distrito industrial, especificamente no terreno sul da antiga fábrica de equipamentos eletrônicos que deu nome à Comunidade, a correlação entre antropologia visual, trabalho operário e construções habitacionais (ECKERT, 2020), revela a subjetividade expressa pelas denominações das ruas e becos alagados da comunidade, todos fazendo referência as fábricas do distrito industrial de Manaus: Caloi, Multibrás, Philco, Xerox, Sony, Panasonic, Magnetron, entre outras.

Imagem 13 - Comunidade da Sharp, no Distrito Industrial



Fotos: Camila Iribarrem



Em nossos percursos por comunidades como a da Sharp, privilegiando o olhar sobre as margens da cidade, não é possível excluir do quadro imagético que revela a policromia das favelas flutuantes, os demais sentidos envolvidos nessa observação. Elas também têm seus aromas, para alguns nem sempre agradável, por vezes fétido, devido ao lixo e esgoto acumulado abaixo das estacas de madeira de suas moradias. Mas para a maior parte de seus moradores, o cheiro forte não é o mesmo que exala para o estranho que ali chega. Há também outros cheiros: da banca de peixe, da comida na panela, do café da padaria. Ao circular pelos becos da comunidade, além de tomar conhecimento dos arranjos da paisagem sonora, de cores e cheiros, descobre-se o outro, numa “relação dialética que implica uma sistemática reciprocidade cognitiva entre o (a) pesquisador (a) e os sujeitos pesquisados” (ROCHA & ECKERT, 2013, p.57). As autoras ressaltam que é preciso uma sensibilidade emocional para compreender as interações humanas que não são dadas à visão de forma imediata, pois para observar é necessário interagir, participar na vida de suas/seus interlocutoras/es, juntar-se a eles no fluxo dos acontecimentos.

Imagem 14 - Espaços de circulação na Comunidade da Sharp - Distrito Industrial



Fotos: Camila Iribarrem

A circulação pelas pontes de madeira que ligam as casas por espaços labirínticos nos confrontam com uma paisagem que inclui árvores e vegetação nas margens e encostas, mas também o esgoto, uma enorme quantidade de lixo, o uso de madeiras e materiais nos limites de seu esgotamento que nos trazem uma noção de risco que não corresponde ao que cotidianamente seus moradores enfrentam.

No horizonte cinza do distrito industrial, tanta fumaça, veículos de todos os tamanhos, complexos industriais gigantescos delimitando os contornos da vida na cidade, e, em suas cercanias, as águas. As casas sobre as águas. O contraste entre o cinza e o verde da floresta. As águas escuras do rio Negro e o azul do céu de verão em Manaus. A policromia das casas no barranco a beira d'água. Imagens de um superlativo das margens.

### **Apontamentos finais**

Nossa narrativa sobre a cidade buscou transitar entre os vários territórios e sentidos no ir e vir da população pelos rios e igarapés de Manaus como áreas sempre possíveis de habitar. Percebemos uma diversidade de usos e representações sobre as paisagens urbanas e áreas ambientalmente relevantes que tem sido parte do itinerário de um contingente significativo dos moradores de Manaus.

Nas áreas úmidas, espaços de sociabilidade e trocas, resistem às lógicas de uma sociedade que busca sanear e limpar áreas consideradas impróprias para moradia e impõe intervenções que não respondem as suas expectativas.

As transformações têm lugar numa cidade construída a partir de uma pluralidade de perspectivas que, mais do que se chocarem, constituem-se como diferentes lógicas que se sobrepõe, se cruzam, por vezes dialogam. Seus moradores buscam o direito de estar nessa cidade e construir suas vidas na interface entre as possibilidades que a cidade oferece enquanto espaço múltiplo e seus conhecimentos sobre as águas.

As paisagens do entorno do “Encontro das Águas” trazem o exemplo das práticas tradicionais no habitar, como a casa flutuante da imagem 6 que se adequa às cheias e vazantes do Rio Negro e é construída a partir de técnicas específicas da região. Ao circular por essa área, experienciamos aspectos simbólicos ligados aos significados que as águas possuem com todos os seres que a povoam, o lugar da memória e do culto aos que os procederam representado pelo cemitério que pode ser destruído pela construção de um porto. É sobretudo um espaço político onde as diferentes lógicas de habitar e estar nos espaços produzem conflitos, como o que relatamos a partir do processo de tombamento.

Os encontros imagéticos produzidos em campo nos permitiram compartilhar como observamos e registramos os modos de vida nas “favelas flutuantes” enquanto áreas precarizadas, mas que são cotidianamente resignificadas pelos seus moradores e prementes de vida. As imagens trazem uma reflexão epistemológica a partir de uma sensibilidade do olhar, ouvir, cheirar e sentir as várias texturas e cores que se multiplicam nessas comunidades urbanas.

Por meio dos encontros imagéticos e dessa narrativa etnográfica que tentamos produzir com o uso de imagens e textos buscamos traduzir nossa visão e “partilhar a antropologia”, como propõe Jean Rouch. A interface entre a antropologia urbana e audiovisual trouxe os elementos para um olhar crítico sobre a cidade, trazendo novos campos de exploração, a partir de uma relação dialética com nossos interlocutores (ROCHA & ECKERT, 2013).

### **Referências bibliográficas**

AB'SABER, Aziz Nacib. **A cidade de Manaus: (primeiros estudos)**. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 15, p. 18-45, 1953. APA.

BATISTA, Selma P. **O Adensamento Urbano Consolidado em Igarapés, como proposta para o Desenvolvimento Local: o caso do Prosamim em Manaus**. GEOUSP - Espaço e Tempo, Nº 31 Especial, p. 33- 43, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III – Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo**. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CALDERIPE, Márcia. **“A água só falta falar”:** memória, patrimônio ambiental e transformações na ocupação de áreas úmidas em Manaus, AM. In: MONTARDO, Deise Lucy; CALDERIPE, Márcia (orgs.) Saberes e Ciência Plural: diálogos e interculturalidade em Antropologia. Florianópolis: Editora da UFSC, 2017, p. 211-239.

CORRÊA et al. **Diagnóstico Arqueológico não interventivo da Usina Termelétrica Mauá- Manaus (AM)**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (AM), 2011.

CAMPOS, S.M.C.T.L. **A imagem como método de pesquisa antropológica: um ensaio de Antropologia Visual**. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, n. 6, p. 275-286, 1996.

ECKERT, Cornelia. **A morada operária, mergulho nas imagens de uma experiência etnográfica em La Grand-Combe (França)** in. Fotocronografias: o trabalho das imagens. vol. 06 num. 13. Felipe da Silva Rodrigues; Guillermo Stefano Rosa Gómez; Luísa Maria Silva Dantas; Manoel Rocha (Orgs). Núcleo de Antropologia Visual. (NAVISUAL). Banco de Imagens e Efeitos Visuais, UFRGS, BIEV, 2020.

GUGLIELMINI, Luíza Angélica Oliveira. **Manaus à beira-rio: A produção e reprodução do espaço urbano**. 2005. 194f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais e Sustentabilidade na Amazônia – PPGCASA. Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Manaus.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015.

IRIBARREM, Camila Garcia. **Visões de Mundo: uma etnografia sobre o fazer arqueológico no Paço da Liberdade – Manaus (AM)**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

\_\_\_\_\_. **O Forte Encantado: Narrativas divergentes e estratégias geopolíticas de colonização na Amazônia Central**. In *Fazendo Antropologia no Alto Solimões* 27. Antônio Carlos Batista de Souza; Michel Justamand; Tharcísio Santiago Cruz (Orgs). Alexa Cultural : São Paulo, EDUA: Manaus, 2020.

LOPES, L. **Sobre processos de 'ambientalização' dos conflitos e sobre os dilemas da participação**. Horizontes Antropológicos. Ano 12, Número 25, Porto Alegre, PPGAS/UFRGS, 2006.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Manaus de 1920 a 1967. A cidade doce e dura em excesso**. Manaus: Valer, 2003

OLIVEIRA, Jéssica H. **Encontros Imagéticos na intimidade da casa do Artista Riograndense**. In: ROCHA, Ana Luiza; ECKERT, Cornélia. *Antropologia da e na cidade, interpretações sobre as formas da vida urbana*. Porto Alegre: Marcavizual, 2013, p. 88-93.

PIAULT, Marc Henri. **Espaço de uma antropologia audiovisual**. In: ECKERT, C. e MONTE-MÓR, P. (org). *Imagem em foco: novas perspectivas em Antropologia Visual*. Porto Alegre, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999, p.13-30.

RODOLPHO, Adriane et al. *A experiência do Núcleo de Antropologia Visual – UFRGS*. Horizontes Antropológicos, p. 167-173, 1995.

ROCHA, Ana Luiza; ECKERT, Cornélia. **Antropologia da e na cidade, interpretações sobre as formas da vida urbana**. Porto Alegre: Marcavizual, 2013.

ROUCH, Jean. **Os “pais fundadores” dos “ancestrais totêmicos” aos pesquisadores de amanhã**. Mostra Internacional do Vídeo Etnográfico, p.14-20, 1993.

SILVA, Amanda Caroline C. da; CARVALHO, José Alberto L. de. **Cheias na Amazônia: Estudo Socioambiental na Cidade de Tefé-AM**. Revista Geonorte, V.9, N. 33, p.170- 174, 2018.

UATUMÃ ARQUEOLOGIA. **Projeto Diagnóstico Arqueológico Interventivo da Comunidade do Igarapé da Sharp – Manaus (AM)**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (AM), 2014.

\_\_\_\_\_. **Projeto Diagnóstico Arqueológico Interventivo da Comunidade do Igarapé São Sebastião – Manaus (AM)** Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (AM), 2015.

WILSON, Elizabeth. **O flâneur invisível**. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 15, n. 27, p. 43-63, 2013.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (orgs.). **Introdução**. In: \_\_\_\_\_. *Um século de favela*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p.7-24